
Um lugar para a objetividade jornalística de Luiz Amaral nas notícias do futuro - e outras concepções sobre jornalismo¹

Marcelo Silva BARCELOS²

Rita de Cássia Romeiro PAULINO³

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

O artigo apresenta uma revisão e atualização da obra do jornalista e radialista baiano Luiz Amaral, um dos mais importantes teóricos brasileiros do campo do Jornalismo do século XX. Autor de quatro livros que se tornaram clássicos *Jornalismo, matéria de primeira página* (1966), *Técnica de jornal e periódico* (1968), *Esses repórteres...* (1994) e *A objetividade jornalística* (1996), ele esboça o surgimento da Teoria do Jornalismo para nortear como os fatos são tratados e apresentados ao leitor, sob a ótica da verdade, equidade, diversificação e ideologia, a partir de vivência profissional e resgate histórico. Para discutir a obra, utilizamos a revisão bibliográfica e análise dialética, com o propósito de revisitar conceitos, em busca da contemporaneidade e aplicabilidade de seus ideais para o jornalismo do presente e futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Luiz Amaral; Teoria do Jornalismo; Objetividade.

O QUE LUIZ AMARAL NOS DIRIA HOJE

Se pudéssemos entrevistar, em 2019, o baiano Luiz Gonzaga Figueiredo do Amaral, o Luiz Amaral, em tempos enxugamento drástico de redações no mundo todo e no Brasil, ele diria, muito supostamente: existirá sempre caminhos para o bom jornalismo, como declarava nos anos 80. Sem sombra de dúvida, no entanto, é provável que Amaral ficasse estarrecido com fechamento de jornais impressos, mas teria a

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo (MUDAR para o GP que irá enviar), XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFSC, pesquisador sobre impactos da Inteligência Artificial e Internet das Coisas na produção e distribuição de notícias em novos formatos e dispositivos como carros, casas e vestíveis conectados, e-mail: marcelobarcelos.jornalismo@gmail.com

³ Professora orientadora do doutorando e vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFSC, e-mail: maria.santo@gmail.com

perspicácia certa de trazer boas explicações à migração da leitura para os meios digitais, incluindo a troca do papel pelo feed das redes sociais, dentro da chamada Economia da Atenção (MARTINUZZO, 2014), e os meandros dos novos modelos de negócio permitidos pela Internet e Economia Criativa, envolvendo financiamento coletivo das audiências para viabilizar uma grande reportagem investigativa, algo impensável há pouco mais de dez anos.

No embalo sobre “afinal, o que é o jornalismo na contemporaneidade?”, talvez, Amaral fosse reticente à ideia favorável de lermos textos produzidos por um robô ou algoritmo. Notícias, de verdade, arriscamos que ele defenderia, só podem ser aquelas que o bom repórter aprendera a narrar perseguindo a objetividade. Aliás, este é o tema que o autor mais tentara compreender no fazer jornalístico, quando quase ninguém, na academia e no mercado, aqui no Brasil, tinha à disposição uma teoria consolidada ou uma explicação sobre parte da Teoria do Jornalismo. Se o assunto da entrevista se prolongasse, é provável que ao falar sobre as temidas e, cada vez mais potentes, *fake news*, Luiz Amaral se chocaria e invocaria, de forma urgente, um manual para frear a disseminação de notícias falsas, protegendo a prática jornalística e resguardando o leitor de ser ludibriado por uma informação mal intencionada.

Não à toa, o teórico, falecido aos 85 anos, em 2015, é considerado um dos principais nomes não apenas do rádio, mas também da academia, por ter, sempre, como lembra Ferraretto (2009, p. 12), duas preocupações muito claras: com o futuro do jornalismo (e sua indústria) e, na outra ponta, com a formação densa e crítica dos jornalistas, pontos de atenção que permanecem cristalizados em *Técnica de Jornal e Periódico* (1968). Em todas as suas obras, seja de caráter mais narrativo sobre experiências nos bastidores de rádios como *Voz da América*, em Washington, como na teorização necessária sobre objetividade jornalística, é nítida a crença de que fazer jornalismo, no meio que for, exige formação, credibilidade e, acima de tudo, boas doses de esperança para enfrentar uma profissão eloquente e em profunda transformação, a reboque da tecnologia.

No início dos anos 1960, Luiz Amaral começa, talvez sem se dar conta, um processo de reflexão a respeito das necessidades e dos

rumos da profissão ao se candidatar para uma das duas bolsas anuais oferecidas pelo governo francês para brasileiros no *Centre de Formation des Journalistes (CFJ)*, em Paris. Ali, por mais de um ano, faz um curso de aperfeiçoamento na escola fundada por Philippe Viannay e Jacques Richet, que, durante a ocupação alemã, haviam atuado na imprensa clandestina ligada à Resistência Francesa. Um pouco antes, quando se prepara para estudar no CFJ, leciona Técnica de Redação nos cursos organizados pela Associação dos Jornalistas Liberais do Rio de Janeiro. Vão se forjando, assim, as bases para que, nos anos seguintes, o jornalista se dedique a colocar no papel suas experiências e conhecimentos com a finalidade de formar as futuras gerações de profissionais (FERRARETTO, 2009, p.3).

Para discutir e ampliar a jornada biográfica de Luiz Amaral, adotamos a revisão bibliográfica de sua obra e refletimos, criticamente, sobre a trajetória teórica defendida pelo autor, ao longo de suas obras, aplicando o método dialético para extrair novas circunscrições para a Teoria do Jornalismo. Como lembra Engels (1974, p.22), todos os objetos e fenômenos apresentam questões estruturais que se contradizem entre si, sob a ótica da chamada “unidade de opostos”. Assim, o método dialético, isto é, a arte do diálogo (GIL, 2009, p.11) nos permite ir e vir na teoria descrita por Amaral para refletir e dissertar, historicamente, sobre a) sua influência histórica na consolidação dos estudos e do campo jornalístico de forma única e exclusiva; b) identificar elementos-chave da incorporação dessa teoria para formação de jornalistas c) conhecer seu pensamento didático a respeito do ensino-aprendizagem do jornalismo acadêmico e d) interpretar correlações e oportunidades dessa teoria em um cruzamento comparativo e atualizado da vigência dos temas defendidos pelo autor ao longo de cinco décadas.

PRIMEIRO LIVRO: *JORNALISMO MATÉRIA DE PRIMEIRA PÁGINA*

Era 1966, Luiz Amaral lançara *Jornalismo: Matéria de Primeira Página*, pela editora Tempo Brasileiro. A obra descortinou o que era um jornal impresso, passando pelas concepções básicas da imprensa brasileira na época, o papel e a formação necessária a um jornalista e, obviamente, como se produzir uma boa, rápida e verdadeira notícia. Ao resumir o ofício do jornalista, quase numa cartilha comum, o autor escreve: “Seu trabalho consiste em formar, informar, reformar, ensinar, divertir. Tudo depende das circunstâncias e do sistema onde se desenvolvem suas atividades. Mas, seja qual for

o veículo para que trabalhe, as qualidades profundas que lhe exigem são as mesmas” (AMARAL, 1966, p.29)

A este propósito, mas agora sobre como a sociedade enxerga o jornalista, parece que pouca coisa mudou desde aquela época, ao menos no que projetava o autor a respeito da imagem que os leitores fazem do jornalista, onde são ignoradas a precarização das redações e as condições do trabalho do profissional. “A sociedade aprecia a notícia, mas não o noticiarista; a criatura, não o criador. O fruto e não a árvore que o produz”. Ele vai além. “Só que o processo contém um erro de interpretação: culpa-se o profissional e se esquecem da estrutura em que ele opera, nem sempre livre de injustiças” (ibidem, p.33). A ideologia empresarial e a subjetividade mercadológica, por assim dizer, já revelavam ressalvas à profissão, algo cada vez mais sintomático na forma como a sociedade valoriza, respeita e acredita no que a mídia tradicional e os grandes grupos de comunicação veiculam, uma chaga do *ethos* jornalístico que só se asseverou com o passar dos tempos e com as novas plataformas.

Indo um passo além, ao apresentar a teorização sobre notícia e valores-notícia, Luiz Amaral cita uma fórmula um tanto simplista, mesmo à época, mas, ainda assim recorrente, dizendo que existiam quatro qualidades para uma boa informação de caráter noticioso: ser interessante (fugir à banalidade cotidiana), abrangente (interessar ao maior número de pessoas possível), ser nova e, por fim, verdadeira. É bem verdade, que essas afirmações, embora vigentes - mas nada totalizantes -, não levavam em conta, naquele período, à emergência de novos produtores dessa mesma urgência - aqui pessoas comuns noticiando acontecimentos em seus perfis em redes sociais digitais, por meio de smartphones, por exemplo; blogueiros independentes, sem formação jornalística - mas competidores do ser e fazer jornalístico -, e, tampouco a efervescência do infotimento, esse conteúdo que disputa, com o jornalismo, cliques e leitura, como os memes, o marketing de conteúdo proliferado em milhares de vídeos no YouTube e em plataformas digitais que destroem a mensagem em um ciclo de 24 horas após a sua publicação, a exemplo do Stories, dentro da rede social Instagram.

Como dito no início do artigo, a obra é praticamente um manual de jornalismo e seu território mais nobre, aqui compreendido ainda como o jornal impresso, apesar de

sua aparente inevitável derrocada nas primeiras décadas hipermodernidade conectada (LIPOVETSKY, 2004). É por isso, que Amaral se dedica a descrever, meticulosamente, normas sobre o estilo jornalístico no impresso, sobre a arquitetura da redação, como era de se prever, a respeito especificidades de diferentes editorias, como a de Economia, Política e Esporte. Abre-se, aí, espaço para novos capítulos que incluem gêneros (opinativo, informativo e interpretativo), com destaque para a reportagem. Ali, Luiz Amaral, novamente, ensaia um alerta que viria a ser só esmiuçado em seu legado acadêmico quase 30 anos depois: a objetividade jornalística, objeto central deste artigo, dada a importância da transversalidade que atravessa o conceito, com temas diacrônicos e, cada vez mais questionáveis, como isenção, imparcialidade e independência, a tríade que forja uma possibilidade inalcançável - mas cuja perseguição é indispensável - para a prática e aplicabilidade do conceito.

Diante dessa problemática - mais tarde escrutinada em uma só obra - o autor reafirma um preceito que persegue a narrativa jornalística, não aquela feita por robôs, mas por homens jornalistas de carne e osso (e inundados de sentidos), narradores carregados de sensibilidade própria, história, ideologia e visão de mundo - tudo ao que a objetividade jornalística luta contra, de certa forma. Ao comentar citação de Alberto Dines, onde este diz que para ser verdadeiramente jornalístico, um acontecimento deveria ser “engrandecido pela técnica da narração, argúcia e cultura de quem o observa”, Luiz Amaral pondera, como, talvez, ponderasse hoje ao rivalizar a subjetividade do narrador com a objetividade da teoria, em sua totalidade sempre questionável: afinal, é possível, de fato, ser objetivo a ponto de descrever o mundo sem implicar escolhas pessoais? Amaral respondia, a seguir, e quem sabe mantivesse a opinião ainda hoje. “Não significa, porém, que o fato deva ser distorcido pela visão de quem o relata” (Amaral, 1966, p. 133). Uma tentativa indissociável de se aproximar da realidade e verdade retratadas. Daí sua preocupação com a formação rigorosa do jornalista. Por isso, em toda sua trajetória bibliográfica, aparece a necessidade de o profissional aprofundar seus conhecimentos, muito além da técnica, mas capaz de compreender a complexidade do mundo ao redor e suas implicações, morais, ética e cidadãs. Essa postura não aparece somente em livros, mas em entrevistas como a

concedida à Rádio Bandeirantes, AM, de Porto Alegre, em 1994, quando lançara *Esses Repórteres*, conforme Ferraretto (2009, p. 9).

Um conselho um tanto idealista aos estudantes de Jornalismo, porque nós estamos vivendo em uma época de tanta coisa prática, de interesse imediato... É ler, ler bastante, sobretudo autores brasileiros como Erico Verissimo, Mário Palmério, Guimarães Rosa, Euclides da Cunha, autores que lhes deem uma compreensão maior da realidade brasileira, do que é o Brasil. (...) O segundo: trabalhar o português, trabalhar o idioma, que é o instrumento do jornalista. Eles têm de se aprimorar cada vez mais, serem ousados, ter muito patriotismo. Defender este país. Porque a responsabilidade do repórter é muito grande. Às vezes, ele não se dá conta da importância do que faz. Falamos e escrevemos sem saber que aquilo pode influenciar as pessoas. Quem lê, ouve ou assiste, lê, ouve ou assiste predisposto a acreditar naquilo. (RÁDIO BANDEIRANTES AM, SET. 1994).

No entanto, Luiz Amaral, também sempre soube reconhecer que o puro idealismo profissional jamais seria possível, na prática, a rigor, como ele mesmo sentenciava em uma empresa de comunicação, onde os limites da liberdade individual estão à prova. “O jornalista nem sempre pode dizer o que pensa. Parte da sua arte consiste em calar, como a arte do músico comporta o respeito ao silêncio. Uma das contradições da profissão é que as necessidades do patrão são muito mais importantes do que as necessidades dos leitores” (Amaral, 1966, p. 30). Com inúmeras edições seguintes, a de 2009, revista e ampliada da obra, já revelava o olhar atento do teórico ao fato de os jornais impressos estarem minguando e, sem ter como reinventar-se, estavam decidindo a entregar conteúdos em formato digital, muitos, sem que ele pudesse analisar, migrando totalmente para aplicativos mobile e plataformas online, como ocorreu com com *Gazeta Mercantil* (2009), *Jornal do Brasil* (2010), *O Estado do Paraná* (2011), *Jornal da Tarde* (2012), *o Sul* (2014), *Brasil Econômico* (2015) e *Gazeta do Povo* (2016), entre tantos outros de menor circulação e tiragem. A esse fenômeno, não tinha dúvidas, embora o temido Juízo Final realmente tenha batido à porta de algumas marcas editoriais tradicionais, no Brasil, Europa e EUA:

A luta, agora, é com os sites, blogs, jornais online. Mas não vamos a exercícios de adivinhação trombeteando o Juízo Final, embora o susto dos

jornais desta vez tenha sido para valer. A tecnologia é avassaladora. Diante da impossibilidade de competir com a internet, o jornal em papel não teve outra saída a não ser aliar-se ao inimigo, aproveitando a nova tecnologia para levar o seu material ao público. (AMARAL, 2008, p. 27).

Amaral não testemunhou a queda da obrigatoriedade do diploma de jornalista, mas sempre o defendeu, quando lia e criticava outros autores da época, que acreditavam, única e exclusivamente, no fato de que um bom jornalista se forja, apenas, na prática diária da redação, seja por vocação ou experiência, sem a necessidade de formação acadêmica reconhecida, teorizada. “A observação é interessante, mas gostaríamos de apresentar um outro ponto de vista: só uma formação rigorosa leva o jornalista à compreensão do completo mundo de hoje, ele que tem tanta necessidade de conhecê-lo e compreendê-lo para explicá-lo aos outros” (ibidem).

SEGUNDO LIVRO, DOIS ANOS DEPOIS: *TÉCNICA DE JORNAL E PERIÓDICO*

Encomendado também pela Editora Novo Tempo, dado o sucesso do livro anterior e numa época de escassa produção sobre jornalismo brasileiro, Luiz Amaral lança, em 1968, *Técnica de Jornal e Periódico*, uma espécie de continuação do primeiro livro. Porém, agora, dedica capítulos a entender o funcionamento da opinião pública, aborda a necessidade de incorporar um código de ética e adiciona mais crítica à responsabilidade social da imprensa, na Primeira Parte, resumidamente. A seguir, dedica-se a apresentar novas nuances sobre o estilo jornalístico, retoma a técnica de produção da notícia e conceitua os processos a serem empregados em uma cobertura, assim como o tratamento que as fontes deveriam receber.

Todas essas características, mais uma vez, ratificam o incômodo que Luiz Amaral tinha com o jornalismo feito sem regras, padrões estilísticos e qualidade textual, influenciado, claramente, também, com a experiência internacional e o *new journalism* de Gay Talese, Tom Wolfe e Truman Capote, movimento que consolida a experimentação do jornalismo literário em profundidade, na década de 50 e 60, nos EUA. Assim, em pouco tempo, o livro se torna um dos principais manuais do

jornalismo brasileiro, uma bíblia para as universidades, já que o compilado ainda tratava do papel das agências de notícia e, antecipadamente, sobre o jornalismo pós-industrial.

A mecanização dos processos de produção da notícia, prevista pelo teórico e jornalista, nem perto poderia imaginar um jornalista-robô ou aplicativos para computadores vestíveis - muito menos notícias roteirizadas para óculos de Realidade Virtual (VR) como temos na atualidade. Mas Amaral, novamente, se antecipava e já refletia as mudanças pelas quais o jornalismo iria passar com a digitalização das redações e também com a necessidade de apressar a formação profissional, como também definir um Código de Ética. Insistente no tema, ele alertava a comportamentos que se perpetuariam no ofício de narrar a atualidade em decorrência do modelo mandatário das organizações de mídia ou o que chamaríamos, dentro da Teoria do Jornalismo, de Constrangimentos Organizacionais (Traquina, 2000).

Profissão ainda por definir-se, servindo mais de refúgio aos mal sucedidos em outras profissões do que um abrigo às verdadeiras vocações, o Jornalismo brasileiro tem urgente necessidade de um código de ética, a fim de salvaguardar seu próprio prestígio. Não alimentemos, porém, maiores ilusões, por enquanto. O exemplo dos diretores e proprietários de jornais, com honrosas exceções, é o mais desencorajador, e os jornalistas, colocados numa escala hierarquicamente inferior, dificilmente encontram modelos de uma atividade sã. Quando apanhados em atos duvidosos, cinicamente há quem aponte o exemplo dos patrões (...) A falta de uma cláusula de consciência no estatuto dos jornalistas, que lhes dê o direito de recusar seguir a linha da instabilidade dos patrões, com relação a ideologias e pessoas, também contribui seriamente para o aviltamento da classe. É curioso, mas profundamente triste no que encerra a degradação moral, a anedota atribuída como fato verdadeiro a Alcindo Guanabara, um dos grandes jornalistas brasileiros Conta-se que numa Quinta-Feira Santa o chefe de reportagem pediu um artigo sobre Jesus Cristo para a publicação no dia seguinte. Sem saber a linha do jornal naquele dia, e sem qualquer convicção moral ou religiosa, indagou o redator: “a favor ou contra? (AMARAL, 1968, p.36).

Focado em conceber uma teoria da notícia - ainda vigente até hoje - Amaral também dedica um capítulo ao tema, trazendo uma ampliação sobre critérios de noticiabilidade, que, embora atualmente limitados, ajudaram muito a classificar o que deveria ser noticiado de acordo com sua representatividade, interesse humano, relevância, intensidade... A essa conceituação, elenca qualidades imprescindíveis à

ordenação do acontecimento jornalístico como a atualidade, veracidade, o localismo e, sob o olhar psicológico de interesse do leitor temas que envolvessem a morte, o destino (catástrofes, como inundações, incêndios, tempestades), prodígios e fatos surpreendentes, o sexo (de nascimentos a casamentos e até crimes passionais), conflitos (de sociais aos de guerra), cobertura econômica (dos impostos, da alta e baixa dos preços de produtos, roubos, fortunas...), raio de influência (que mais tarde fora atualizado para intensidade), raridade, curiosidade e proximidade.

Ainda quanto à notícia, mas sobre sua estrutura, Amaral reforça a obrigatoriedade, na época, de atender à fórmula da pirâmide invertida e do lead, com destaque a variações estilísticas do tradicional “primeiro parágrafo”. A esse aspecto, amplia o tema revelando formas de produzi-lo, a exemplo do lead tradicional, do lead em valorização do “quem” (agente passivo e ativo na oração), do formato em que se emprega a valorização do “quando” (abrindo o lead com unidades horárias do acontecimento), de ênfase ao “como” (de que forma o caso ocorreu) e respondendo, já de início ao “por que”, a razão pela qual determinado evento jornalístico se desenrola.

Para encerrar, Amaral defendia sutis doses de subjetividade quando as notícias tratassem a respeito da política, economia e esportes. “Pode o redator utilizar-se do pitoresco e empregar, com cuidado, advérbio ou adjetivo, sempre em sintonia., é claro, com a orientação do jornal” (Amaral, 1968, p.68). Se, por um lado, às vezes, o autor se parecesse contraditório - ao mencionar que o repórter deveria atender à linha editorial e ideológica, por outro, rebatia a padronização dos textos que levariam, acima da média, o emprego invariável da pirâmide invertida, ao que ele chama de monotonia da imprensa brasileira, condição também perpetuada. “A monotonia é o aspecto do lead mais combatido. Entre nós, contra ele insurgiu Nelson Rodrigues, que o tem combatido em várias crônicas, apontando os defeitos de linguagem humorística mas com propósito” (ibidem).

ESSES REPÓRTERES... UMA HOMENAGEM AOS JORNALISTAS

Em tom literário, com as mensagem educativa como ‘como fazer jornalismo de qualidade’ Luiz Amaral, lança, em 1994, *Esses repórteres*, prefaciado pelo professor

José Marques de Melo. Ao longo de 193 páginas, retrata bastidores memoráveis da imprensa brasileira, envolvendo personagens como Assis Chateaubriand, Carlos Lacerda e Samuel Weiner. Na segunda parte, apresenta glórias e infortúnios da cobertura de imprensa antes e depois da ditadura, em jornais como Binômio (Belo Horizonte), Jornal do Commercio (Rio de Janeiro), Jornal da Tarde e Estadão (São Paulo). Ao primeiro, taxado como imoral, escrachado e até pornográfico, Amaral ratifica o poder do discurso contra hegemônico, de forjar um periódico questionador, irônico e com elevado poder de subverter a censura da época. Uma imprensa de caráter militante, algo tão raro e necessário em épocas como a nossa.

Acontece que a turma do Binômio era uma turma de jornalistas muito bons, militantes, que sabiam das coisas. O único trabalho foi reunir trechos da coluna de Fulano, de Sicrano, lá de uma outra matéria publicada qualquer publicada sem o menor destaque, às vezes um palavrão, botar tudo isso em uma edição só e imprimir. Para completar, um editorial muito sem-vergonha, dizendo que o Binômio se sentia mal com o lixo que estava entregando à população, mas que, acuado como estava, não tinha como agir, a não ser desmascarar o falso moralismo da imprensa que o criticava (AMARAL, 1994, p.58).

A obra ainda traz um capítulo destinado a contar causos e peripécias de jornalistas brasileiros que atuavam no exterior e inúmeros relatos, confissões e opinião consistente sobre a rotina de cobertura internacional vivida pelo próprio autor durante décadas, incluindo, claro, as coletivas na Casa Branca e a preparação para o Voz da América. Como lembra Ferraretto (2009), embora Amaral não tenha se dedicado a atualizar técnicas de produção e refletir sobre a Teoria do Jornalismo nessa terceira obra, ele jamais abandonou a ideia de perseguir um texto jornalístico de excelência, correto, preciso e exato, assim como de defender a democracia e perseguir a defesa do interesse coletivo da sociedade. É isso que fica evidente na entrevista que Amaral concedeu à rádio Bandeirantes AM, de Porto Alegre, por ocasião do lançamento de *Esses Repórteres...*

De certa forma, o conselho de Luiz Amaral aos novos profissionais tem como exemplo as atitudes dele próprio, exemplificadas em seus livros: texto correto, pleno de experiência e de fundamentação cultural, de onde se depreende muita leitura e

preocupação com o futuro do Jornalismo, assim mesmo com maiúscula (FERRARETTO, 2009, p.11). Mais uma vez, fica evidente a preocupação incessante do autor em cruzar teoria e prática na formação de um jornalista eficiente, robusto e consciente do impacto que seu ofício produz na comunidade, seja informando temas que atualizam o cotidiano como denunciando a barbárie social em reportagens de fôlego.

A OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA: PREOCUPAÇÃO PELA VERDADE

Seria mesmo possível ao homem politizado, imerso em crenças, preconceitos, ideologias, tornando-se jornalista, descrever o mundo ao ser redor como ele realmente é, livre de julgamentos pessoais e escolhas restritivas, baseado na neutralidade, isenção e independência editorial? A provocação central da última e mais atual obra de Luiz Amaral ainda é uma questão aberta e que divide a opinião de teóricos no mundo todo. Apesar de realizar um profundo resgate histórico sobre o significado do termo objetividade, o autor confessa não ser possível afirmar, em sua totalidade, a existência de uma narrativa absolutamente pura e objetiva.

Para mergulhar no conceito, Amaral cita quatro acontecimentos principais que contribuíram, ao longo dos dois últimos séculos, para a formulação definitiva do princípio assinalado aqui: 1) advento das agência das notícias; 2) desenvolvimento industrial; 3) as duas guerras mundiais e 4) advento da publicidade e das relações públicas. Como recorda, era necessário, na época (anos 30 do Século 19), as agências de notícia criarem um produto que fosse uniforme, padronizado e equilibrado, uma notícia livre de opinião, conjecturas e valores, capaz de “caber” em qualquer veículo, a despeito de sua orientação editorial e ideológica. Coube à Associated Press, agência americana fundada por donos de jornais, a incorporar o método, de forma inédita, distribuindo notícias com o maior nível de isenção possível. Em pouco tempo, a técnica já conquistaria a imprensa americana e europeia.

Além de serem fornecedoras básicas de notícia, as agências exportaram e disseminaram a ideia de menos envolvimento aparente. A busca de isenção tornou-se um ideal a ser perseguido não só na Europa e nos Estados Unidos, mercados originais das agências, como em várias partes do mundo. O

desenvolvimento técnico dos meios de transmissão de notícias (depois do telégrafo e do telefone, o telégrafo sem fio, a telecomunicação e o rádio), acrescentou à sincronização do serviço de informações, por meio das agências organizadas em monopólios, a sincronização redacional de pequenos jornais, por meio de correspondentes padronizadas (AMARAL, 1994, p.29)

Fundada a noção de objetividade, nascem também diferentes contrapontos a exaltar a fragilidade do conceito, expondo uma conseqüente contestação do próprio conceito. É notório que as condições de trabalho do jornalista, adversidades estruturais, dependência de terceiros (fontes de informação), a pressa e a aderência a padrões editoriais e empresariais sempre dificultaram a testagem e aplicabilidade integral da objetividade, sem contar no que já fora mencionado antes, como a subjetividade do autor que escreve uma notícia ou reportagem, um ideal que prejudicaria a própria narrativa. “Condena-se o esforço de objetividade por implicar no distanciamento do profissional - obediência chega à objetividade torna os repórteres simples moços de recados”, pontua.

No Brasil, é somente a partir da década de 40 que a experiência da objetividade chegou para ser incorporada às redações, com a adoção do uso do lead e do copy-desk, de forma inédita, primeiro, na imprensa carioca, nos jornais Diário Carioca e, em seguida, pela Tribuna de Imprensa, Última Hora e Jornal do Brasil. Segundo Amaral, o projeto era criar um texto padrão e, assim, torná-lo objetivo. Apesar de o ideal ser defendido nas redações até hoje, Amaral já admitiria sua limitação - que só viria a se asseverar com o partidarismo da imprensa brasileira, o excesso de uma pseudo objetividade - que empobrece o debate público e provoca descredibilização do noticiário, cada vez menos envolvido com causas sociais e a coletividade.

A tecnologia e a digitalização dos meios de comunicação de massa também já antecipavam uma maior fragilidade do conceito, como assinalou Luiz Amaral, ao concluir que a objetividade não é garantia de verdade, mas um impulso, muitas vezes, mecanicista, para entregar mais, mais rápido e com menor comprometimento com valores que o jornalismo defendera como só seus. A esse respeito, ele identifica novas

possibilidades para produzir jornalismo contundente e de alto impacto nos leitores, alcançando a formação crítica que se espera da informação jornalística.

LUIZ AMARAL ONTEM E HOJE

A obra de Luiz Amaral se mantém atual, desde seu primeiro livro, em 1966. Este fato pode ser percebido pelas perguntas e preocupações que o autor suscitou ao longo das décadas em que ajudou fomentar o princípio da teoria jornalística brasileira, mesmo com forte influência americana. Amaral jamais perdeu de vista questões que se mantêm vigentes, e conflitantes: 1) para uma correta e precisa cobertura jornalística, o profissional deve exercer, em boa medida, a objetividade pela qual se espera que narre o mundo sem interferir sua verdade, não a ponto de distorcê-la 2) quase como algo antagônico, porém compreensível dada a limitação real que é narrar esse mundo sem pôr um pouco de si, Amaral também defende boas doses de subjetividade; 3) um jornalista deve ter a habilidade de mediar seu papel dentro do jogo comunicativo, intercedendo, sempre que possível na lógica editorial mercadológica; 4) o jornalismo reflete a qualidade da formação dos jornalistas; por isso será sempre preciso atualizar a profissionalização - equilibrada entre técnica e conhecimento de mundo - em busca de novas formas de pensar o formato, a linguagem e a novas mídias que irão colocar o próprio fazer jornalístico em choque (e mudança nas rotinas produtivas) e 5) o jornalismo praticado no Brasil, em geral, é frágil, raso e precisa urgentemente de contradiscursos da hegemonia do mercado.

Em resumo: o jornalista brasileiro tem que olhar para o Brasil como pátria, não como um mero lugar para se estar de forma descomprometida, convivendo com injustiça, abusos de poder, política ineficiente e caos social espalhado por todos os cantos. O jornalista, no Brasil, talvez muito mais do que em outros países até mesmo da América Latina, não pode estar indiferente. Para Luiz Amaral, mais do que um agente da informação, o jornalista tem que lutar, limitar e se envolver com as causas que o jornalismo deve abordar. Desse olhar, teóricos, filósofos e críticos de mídia, hoje em dia, jamais discordariam do que pensava Luiz Amaral, dada a crise de credibilidade por

que passa o noticiário mainstream, no papel, no rádio, na tela da TV ou na palma da mão, no smartphone.

Amaral não teve a chance de ver a explosão de veículos independentes, novos publishers que misturam entretenimento e jornalismo, em uma aposta recente para o infotimento, como BuzzFeed, Vox, CQC e portais generalistas como o UOL. Ele também não teve a chance de ler uma grande reportagem multimídia ou uma reportagem long-form, repleta de informações gráficas, interatividade e multimídia. Mas, ainda assim já demonstrava, em 1994, um novo caminho para a produção do jornalismo tecnológico e pós-industrial - e a derrocada das tiragens impressas dos jornais diários, um modelo de operação que, como ele próprio insinua, tende a virar uma outra coisa do que o jornal que compramos na banca - hábito cada vez mais raro, principalmente entre os jovens e adultos jovens.

Como recorda Ferraretto, Luiz Amaral produziu sua obra determinado a contribuir com o futuro da profissão e a formação dos jornalistas. É dele um dos primeiros alertas sobre a predominância de agências de notícias e o impacto que a enxurrada de releases diários teria na qualidade da informação entregue aos leitores. Um jornalismo oficialesco, sem ou com o mínimo de contraditório suficiente para fazer emergir a polifonia de vozes que o noticiário exige. Um jornalismo que pergunta pouco e se atreve menos ainda a responder. Sua crítica reverbera a permanência de constrangimentos organizacionais que, em boa medida, impedem que o jornalista possa descrever, com liberdade de expressão, o que testemunha, o que lhe incomoda e precisa ser denunciado e combatido.

É evidente que, desde 1994, data da sua última obra, a avalanche de mudanças por que passa o jornalismo praticamente redefiniu boa parte das incógnitas que desenham o futuro da profissão. Mas nem os 25 anos que se passaram foram capazes de apagar a coerente ponderação sobre o que ainda podemos construir rumo a um jornalismo de excelência, vigoroso e respeitado pela sua audiência. Mas é preciso furar o bloqueio dos conglomerados dos meios de comunicação, criando novas apostas, projetos inovadores e repensando o mercado empresarial.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. **Técnica de jornal e periódico**. 4.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 259p.

_____. **Meio de comunicação suíços: quatro línguas pela unidade**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1977.

_____. **Jornalismo: matéria de primeira página**. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 234p. (Temas de Todo Tempo, 6).

_____. **Esses repórteres...** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994. 194p.

_____. **Jornalismo: matéria de primeira página**. 6.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008. 160p. (Temas de Todo Tempo, 6).

FERRARETO, L.A. **De Washington, Luiz Amaral. 2009**. 15p. Artigo apresentado no 7º Encontro Nacional de História da Mídia: mídia alternativa e alternativas midiáticas, em Fortaleza/CE.

GIL, A. C.. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINUZZO, José Antonio. **Os públicos justificam os meios: mídias customizadas e comunicação organizacional na economia da atenção**. São Paulo: Summus, 2014.